

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerência etc. de RAUL BOPP

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

CONCURSO DE LACTANTES

REPUBLICA

Estão tratando de erguer não sei onde (mas sempre aqui no Brasil) um monumento á mãe preta. Os denodados que para isso trabalham querem confessadamente prestar uma homenagem de gratidão ás amas molhadas e sêcas mas sobretudo molhadas da linda côr do urubu. E atravez delas á raça escrava.

Eu acho isso muito bonito e comovente porêrn perigoso. Marmorizada ou bronzeada a preta, as mulatas e as brancas protestarão na certa. E será preciso erguer outros monumentos. Um para cada côr. Depois um para cada nacionalidade. A homenagem provocará uma competição de raças, de origens, até de tipos de leite. Por fim os fabricantes de leite condensado também reclamarão a sua estátua e com toda a justiça. E haverá o diabo quando o governo holandês exigir uma para as vacas suas súbditas.

Eu não estou ofendendo. Eu estou prevenindo.

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Deodoro todo nos trinques
bate na porta de Dão Pedro 2.º.
Seu Imperadô, dê o fóra
que nós queremos tomar conta desta bugi-
ganga.

Mande vir os muzicos.

O Imperador camarada responde
Pois não meus filhos não se vexem
me deixem calçar as chinelas
pódem entrar á vontade.
Só peço que não me bulam nas obras comple-
tas de Vitor Hugo.

(RIO DE JANEIRO)

MURILO MENDES

SAIBAM QUANTOS

Certifico a pedido verbal de pessoa interessada que o meu parente Mario de Andrade è o peor critico do mundo mas o melhor poeta dos Estados Desunidos do Brasil. De que dou esperança.

JOÃO MIRAMAR

ABRIDEIRA

MATEUS CAVALCANTE

A America acaba de receber uma grande missão: a missão do entusiasmo. Delegou-lhe a incumbência o fino poeta Ronald de Carvalho, numa conferencia sobre a moderna poesia americana. Em nome da mandatária aceitaram o encargo, agradecendo a honra da escolha imerecida, S. Exa. o sr. embaixador Morgan e a selecta assistencia.

Segundo todas as apparencias o que ditou tão sabia decisão foi a necessidade em que se viu aquêle poeta modernista de definir o espirito americano no que êle tem de original e inconfundível, para, pesquisando as diversas modalidades desse caracter geral em cada um dos grupos ethnicos deste continente, assignar-lhes uma voz á parte no côro das civilizações contemporaneas. Para isso era preciso perscrutar as tendencias intimas da América, que devia sentir-se á vontade no seu papel, destinar-lhe uma função compativel com a sua indole: "The right continent in the right place". Reservando-lhe a missão do entusiasmo, o esteta dos "Epigramas", coerente, aliás, com os seus precedentes intellectuais, reconheceu "ipso facto" em tal missão o procurado caracter diferencial. Para êle a poesia americana será a poesia do entusiasmo ou não será. Essa lhe parecendo a sua finalidade natural, foi disso que êle a incumbiu, officializando assim uma situação de facto anterior.

Os quadros vastos dificultam a compreensão das coisas. Ninguém pôde ter uma visão total da América sinão na escala das cartas geográficas. E não é necessario dizer quanto é difficil reconhecer na realidade o que só se conhece através dos mapas, ainda que sejam em relevo. Por outro lado a incumbencia que

recebeu o Novo Continente diz respeito á actividade espirital dos seus habitantes. Ora, nessa materia principalmente, o que verdade para o todo, é verdade para cada uma de suas partes. Alem do mais, falando em "poesia americana" o sr. Ronald de Carvalho usava, evidentemente

esse individuo se haverá no desempenho do mandato.

Imaginemos um poeta americano estalão. Ele recebeu a palavra de ordem: "Entusiasmo, hein! Muito entusiasmo!" O poeta americano é brioso. Não é preciso insistir. Ele dará conta do recado. Empertigou-se. Respirou — 1. Espirou — 2. Outra vez: 1—2. Bem. Bateu no peito (com força). Fez um olhar sobranceiro. Pegou no chapéu num gesto agil e elegante. Saiu seguro de si, pisando duro.

Lá vai êle, dominador, altivo, com uma chama estranha a perpassar nos olhos deslumbrados.

—Quem é aquêle camarada?

—E' um americano, o poeta.

—Ah! é um americano! é o poeta!

A multidão se curva á passagem do vate. Lá vai êle dominador, altivo, com uma chama estranha a perpassar nos olhos deslumbrados.

—"Alô, poeta!

—Ale-guá guá guá! Ale-guá guá guá! hurrah! hurrah! America!

—E's do campeão.?

—Não.

—Quem é esse então, poeta? Agora reparo nessa chama estranha a te perpassar nos olhos deslumbrados. Que é que tu tens hoje?

—Entusiasmo!

—Viva! Pegaste a centena! Escreveste a obra-prima! Amas e és amado! Amar e ser amado, ó que ventura!

—Nescio!

—Então? Fala, meu louro. Me diga o que ha...

—Não sei não, uái! São ordens."

Canibal, meu négo, que fastio é esse. onde estavas tu á hora da conferencia?

(RIO DE JANEIRO)

LUNDU' DO ESCRITOR DIFICIL

Eu sou um escritor difficil
Que a muita gente enquisila
Porém essa culpa é facil
De se acabar duma vez:
E' só tirar a cortina
Que entra luz nesta escurez.

Cortina de brim caipora
Com teia caranguejeira
E enfeite ruim de caipira,
Fale fala brasileira
Que você enxerga bonito
Tanta luz nesta capoeira
Tal-e-qual numa gupiara.

Misturo tudo num sacco
Mas gaúcho maranhense
Que para no Mato Grosso
Bate este angú de caroco
Ver sopa de caturú;
A vida é mesmo um buraco,
Bobo é quem não é tatú!

Eu sou um escritor difficil
Porém culpa de quem é!
Todo difficil é facil
Abasta a gente saber.
Bagé piché chué, ôh "xavié",
De tão facil virou fossil,
O difficil é aprender!

Virtude de urubutinga
De enxergar tudo de longe!
Não carece vestir tanga
Pra penetrar meu cossango!
Você sabe o francês "singe"
Mas não sabe o que é guariba?
Pois é macaco, seu mano,
Que só sabe o que é da estranja.

MARIO DE ANDRADE

de uma abstracção, que é preciso entender-se no seu verdadeiro sentido de "poesia dos americanos, de cada americano, considerada em conjuncto".

Para melhor compreender o alcance da missão devemos, portanto examina-la do ponto de vista do individuo americano. Desse modo tudo se reduz a saber como

2 POETAS E 1 PROSADOR

A. DE A. M.

VARGAS NETTO — Gado
chucro — Porto Alegre —
1928.

O poeta mesmo confessa no fim do volume: o que cantei meu coração mandou. E como é coração gaúcho ditou versos gauchescos. O que não é rigorosamente lógico mas explica o regionalismo do Gado chucro.

Aliás um regionalismo que se entende, sem abuso de expressões e alusões locais.

Vargas Netto exalta a paisagem e a vida heroica e trabalhosa dos pagos. Com o entusiasmo e a força a que já nos habituaram os poetas do sul. No autor de Joá porém a inspiração é mais popular, o troveiro se manifesta de modo mais flagrante. Além disso o ritmo quase sempre é marcado, a poesia vira canção sem querer.

A gente cantarola com gosto cousas assim:

Tropa crioula de gado sem costeiro,
de pello desigual...
Tropa de gado que não viu mangueira
nem laço jamals...

Ou então:

Negrinho do pastoreio,
que malvado é teu patrão!
Vae te picando miudinho
depois te amassa na mão;
e te enrolando na palha,
com cuidado, de vagar,
encosta o fogo na ponta,
negrinho, pra te pitar!

Gosto menos da parte denominada Poema das Missões. Não porque nela tenha sido infeliz o cantador. Mas porque acho pau e já surrado por demais

isso de glorificar em verso o passado brasileiro. O talento de Vargas Netto não tem precisão de bater no bumbo patriótico para mostrar que aqui nasceu.

CHARLES LUCIFER — Cy-
nismes suivis de Sensualis-
mes — Paris — 1928.

Escrevendo em francês o poeta brasileiro que adotou o pseudônimo de Charles Lucifer pegou a ginástica poética lá da França. E com essa ginástica o desprezo alegre pelo mundo, sua gente e suas cousas. Fala da tarde que

... finit come une dépêche
sans signature
pour le rendez-vous du couchant,

do dia que se vai e que

... se moque du monde
et en prend congé par simple politesse,

do crepúsculo

où brille l'astérisque de Vénus
rappelant un soleil mis au bas de la
page,

para depois concluir:

On s'en passe...

De modo que a gente deve considerá-lo como francês e não como brasileiro traduzido. Porque ele pensa e sente em francês. Do contrário Copacabana não lhe sairia assim:

Le promontoire chirurgical
surgit parmi l'ouate des compresses
du portefeuille de ce soir opératoire,

Et sur le ventre de la mer
d'un coup sur et soudain
luit le bistouri tranchant du phare
en tour de force laparatomique,

Dans le bas-ventre horizontal
coule sur la concavité de la plage
la pléthore blanche
de la leucocytose nébuleuse des lu-
mières.

Opinião provinciana talvez: a poesia de Charles Lucifer é um exercício.

Opinião não provinciana talvez: a poesia de Charles Lucifer é um saxofone.

Está claro que niguém (nem eu mesmo) é obrigado a adotar uma das duas.

MONTIEL BALLESTEROS
— Montevideo y su cerro —
Montevideo — 1928.

São contos sinecados com um pouco de sátira e um pouco de invenção. Pensando bem: mais de invenção do que de qualquer outra cousa.

E' o sétimo livro do autor de La Raza. Autor inquieto e apressado. Principalmente de um bom humor que não tem fim. Passa gozando por todos os assuntos. O conto chamado 20 Blasco Ibáñez é bem característico de sua maneira: nem é propriamente conto nem deixa de o ser.

Ignoro se Montiel Ballesteros é jornalista. Se não é devia ser. Tem qualidades ótimas de cronista. Escreve com extraordinária facilidade, põe logo o negócio em pratos limpos, parece ser um vivido.

Montevideo y su cerro tem cousas que nós do Brasil não podemos entender. O que não impede que se goste do ritmo escudido do livro.

NAMÔRO

Um arsinho frio
fazendo frufnú na cara da gente
e a gente fazendo calentura
de beijos na noite friorenta
— Tá com as mãos frias? meu bem
— Mas tou com o coração quente, amorsinho!

(RIO DE JANEIRO)

JOSUE' DE CASTRO

EMPRESA GRAPHICA LTDA.

LIVROS, REVISTAS,
EDIÇÕES DE LUXO
— SERVIÇOS —
COMMERCIAES



RUA SANTO ANTONIO, N. 17
TELEPHONE 2-6560
S. PAULO

A TARDINHA EM VIAGEM NO SERIDÓ

JORGE FERNANDES

O meu carro vae rodando nas estradas de areia barrenta ou de cascalhos e eu vou vendo o verde longe e o verde perto das juremas junto a estrada...

As caatingas vão se tornando escuras esfregando os olhos, com somno...

Na carreira do carro aparece de sopetão um serróte, as vezes com uma pedra fina e sisuda apontando o céu. Outros com pedras também parecendo dedos muito grandes apontando: — Olhem aquilo ali — E eu olho e vêjo só desertos de serras e um restinho de

luz do sol se acabando nas coreundas das serras, verdes... verdes...

Outras pedras agrupadas e enfeitadas de facheiros vão passando na ligeza da viagem...

E o carro corre entre arvores e serrótes até que a bôca-da-noite — chega agasalhando tudo acendendo os olhos dos bacuráus, das rapôzas, das tacácas, antes que o meu carro abra também os seus olhos atrapalhadores dos bichos que precisam ganhar o seu pão, a noite, farejando nas estradas...

(NATAL)



Lundú do Escravo

♩ = 72, Recitando

Quando mia Sinhô me disse: — Pai Francisco, venha cá! Vai cha-

Andando, ♩ = 100

me sua feitô, que tu tá para casa... — Eu fiquei todo espartado como um gam-

♩ = 116

bá que caiu no la-ço! Seu bem me dizia, Seu bem me dizia, Seu bem me di-

zia que eu havia de pagar!

Por ter saído com incorrecções no n. 5 reproduzimos o "Lundú do Escravo" que fará parte do "Compêndio de Historia da Música" de MARIO DE ANDRADE já no prelo.

O POEMA DA ESPERA

MARIO GRACIOTTI

Hontem, eu fiquei na esquina. Paradi-
nho. Feito lampeão de bairro pobre. Só prá
esperar você. Acho que levei mais de uma
hora, e o solzão do meio-dia cantando no meu
lombo, que nem cigarra, uma canção que até
doia. Mas, eu firme. Não arredava pé. Você
tinha entrado e tinha que sahir. A' muque. E
saboreando você como se você fosse coisa boa
e gostosa pro meu paladar. O grillo da rua —
um hungaro todo azulado — me dava cada
grellada que eu até estremecia por dentro.
Mas, firme. Eu me lembrava, romanticamen-
te (e o sol queimando no lombo...) daquelle
olhar meio-doce que você mandou quando
entrou na casa amarella.

Esperei. Eu parecia até a sombra imagi-
nária de um poste que não existia. Quando
você rumou prá cidade, eu fui atrás. Mas, vol-
tei depressa. Zuniram nos meus ouvidos as
taes: "Você não enxerga, seu convencido!"

Passei, na volta, tão tonto pela esquina,
que levei uma trombada de automovel. Escar-
rapachei-me no asfalto quente. De bruços.
Com poeira na boca. E o grillo — aquelle
mesmo hungarão todo azulado — deu tama-
nha gargalhada que botou ruas e praças nos
meus pés.

Tambem, nunca mais!

(S. PAULO)

PAIZAGEM DE MINHA TERRA

BRASIL PINHEIRO MACHADO

Manhã de domingo de sol reto.
A grande igreja sem estilo
Decorada por dentro por um batismo de Cristo
Feito por um pintor ingenuo
Que quiz ser classico e foi primitivista.

Missa internacional
Com gentes de todas as raças
Ouvindo o padre alemão rezar em latim.

Agente nem tem vontade de olhar o crucifixo dezolado
Nem de rezar
Porque tem lá dentro tanta menina bonita
Que não reza tambem
E fica sapeando agente com meiguice...

Só os polacos de camisa nova por ser domingo
Que vieram com as familias de carroça lá das colonias
Rezam fervorosamente
Emquanto nós seus quintaes
Os chupins malvados e alegres
Comem todo o centeio
Cantando glorias pro sol de domingo.

(PONTA GROSSA)

OS TRES SARGENTOS

(ROMANCE)

YAN DE ALMEIDA PRADO

O JARDIM PUBLICO

V

Devagar tinha chegado o grupo de sargentos á avenida Tiradentes, examinando sempre as mulheres que viam pelo caminho. Ainda era possível topar com as raparigas que de noite vagueavam pela rua João Theodoro até a beira do Quartel. Eram de facil conquista, bastando poucas palavras para ajustar passeio á Ponte dos Amôres, ou colloquio no quarto de um companheiro camarada, situado nos cortiços da redondeza. Pararam os rapazes durante alguns momentos na larga esplanada que forma a avenida naquele ponto. Do lado da estação o movimento de gente era intenso; do lado oposto iam rareando os transeuntes á medida que se adiantavam pela zona militar. Antes de transpor o último trecho do caminho e chegar á rua que demandavam, correram os sargentos a vista pelo espaço diante deles, numa derradeira tentativa de enxergar alguma rapariga facil.

Ao soldado só não convem mulher contaminada por doença venérea: a cor, idade ou formosura são pormenores que desaparecem devido á escassez do soldo que tudo reduz a uma questão de saude. No entrar para o quartel, os recrutas aprendem, pelo exemplo quotidiano e pelos comentarios que ouvem a todo momento, a aproveitar qualquer saia que lhes chegue ao alcance. Procuram as raparigas mais caras e melhores para os dias do recebimento de soldo, deixando as outras para o fim do mez, quando está vazia a algibeira. Resulta do costume ser frequente o espetáculo de um par em que a mulher aparece quasi repugnante ao lado de um jovem soldado no vigo dos vinte anos. Ela, sem asseio porque no bordel em que mora ha falta de agua (antigamente nos bairros pobres de S. Paulo as torneiras para nada serviam durante quasi o ano inteiro). Ele, asseiado pelo banho diario obrigatorio do quartel, de onde tambem o não deixam sair com a farda em desalinho. Apesar das diferenças de condições, continuavam por 1924 (e não terá mudado muito) os amôres entre soldados limpos e mulheres miseraveis, sem interrupção, sempre na mesma, atravez das levas de homens que se sucediam no Corpo Escola. Por vezes, naquele meio militarizado, apparecia a informação de que tal mulher estava "pegando molestia", porém só lhe davam crédito deante de provas do anunciado acidente. Não sendo assim, supunham decorrer a informação de algum despeito ou rusga, vulgares no invariavel circulo formado pelas decaídas e seus freguezes. A mulher da

praça de pré não sae de certa roda, composta do primeiro soldado que conheceu, dos amigos deste e de todos os amigos dos amigos deles que veio a conhecer com o tempo. Quando a cabocla, mulata ou negra, deixava os braços de um infante era para cair nos de um cavalaria, ou bombeiro, chegando muito raramente ao extremo de se amasiar naqueles tempos anteriores á revolução com guardas civis. Estes eram os "galegos", como lhes chamavam na giria, na quasi totalidade portuguezes bigodudos, antigos moços da lavoiira, grande apreciadores de mulheres de cor, porém aquartelados em outra zona muito diversa, nos confins da varzea do Carmo, longe da sede da Força Pública.

Os tres sargentos parados na avenida demonstravam pouca pressa em cumprir a resolução de se recolherem cedo. Recomeçaram a caminhada de má vontade, arrastando os pés, esmiuçando o exame das mulheres que passavam ao alcance da vista. Ao ver de longe duas raparigas que iam em direcção á rua Ribello de Lima, um dos rapazes convidou os outros para segui-las.

— Vamos ver si ainda pegamos aquelas.

— Vá você. A esta hora, já quasi no alojamento, sem ter certeza, não vale a pena. Vá você sozinho si quizer.

Todo soldado daquela zona conhece o desânimo de certos momentos da noite, depois de muito tempo passado á cata de aventuras. O tempo vae passando, cada vez mais enervante e vazio á medida que se aproxima a hora de entrar para o quartel.

Continuaram os outros o trajecto, chegando aos poucos á rua João Theodoro, que descera lentamente. A' esquina da primeira travessa estava um grupo rumoroso de meninas da vizinhança (italianinhas como lhes chamavam por causa do sotaque carregado) que falavam e riam alto.

— Você si alembra Celestina, do canarinho que eu teneva?

— Me alembro sim. Quedele?

— Si deixô comer o gato...

O habito de ouvir falar daquele modo impediu que os sargentos achassem extravagante a conversa das moças. Olharam atentamente para o grupo das meninas, exuberantes de saude e vida em que havia tipos verdadeiramente lindos de beleza popular.

— Para mim esse negocio de meninas de familia não vale nada.

— Para mim tambem.

— Pode ser bonita como quizer, dá no mesmo. Namorar por aí atôa, passar as noites arretando em seco com

menina que só quer casar, é coisa que eu passo.

— Nem comprehendo couo o Tito gasta tempo nessa bobagem. Ele conta muita garganta mas eu sei como é a escrita. Eu tambem já namorei muito noutro tempo, quando eu era anspesada. Sei o que é essa cavação, não se póde sair para longe porque a mãe não dá licença, não se póde fazer nada por essas ruas porque tein sempre uma amiga ou conhecida que está vendo. para dar um beijo é a mesma coisa que acertar no milhar. Só mesmo num dia de chuva, escondido na porta da casa dela, quando não passa ninguem, mas pertiuho da familia, de relance, é que a gente chega perto e isso mesmo com muito luxo. Não me serve, não.

— Tem casos diferente. Uma vez na vila Sá Barbosa eu fui atraz de um muro e dei de cara com dois que estavam ali de pé. A moça quando me viu deu tamanho pinote que até os grampos do cabelo desprenderam caindo no chão. O rapaz era um cabo do segundo que achou ruim. Eu fui, disse para ele que não me incomodava com a vida alheia, que até si ele quizesse podia continuar á vontade que eu nem olhava.

— E continuou?

— Qual o quê, a moça corria que nem dóida. Sumiu numa travessa e nunca mais vi ela.

— Então você empatou o cabo...

— Foi mesmo. Mas tambem quem mandou naquele lugar. Ainda eles tiveram sorte que não foi o Cassiano em vez de mim.

— Mas isso acontecia lá para os lados da Vila. Aqui com esse movimento e pessoal que traz de noite a cadeira para sentar na calçada, nem é bom pensar nisso.

Continuaram os rapazes a comentar a dificuldade da conquista de mulheres para quem não dispõe de fartos recursos. A certa altura o mais cançado perguntou si não iam embora. O outro, que estava apreciando o grupo das meninas apesar de tudo que tinham dito, insistiu para que esperassem ainda um pouco.

— Vamos esperar o Antonio: não demora ele está aí.

— E' capaz de demorar.

— Qual! Ele corre, corre, banca o pato atraz das gansa e depois volta com um bruto carão! Aquelas vagabundas que ele está perseguindo já estavam de trato com os infantaria da esquina.

— Você tem certeza?

— Tenho. Eu não sou cego, si não disse para ele foi só de mau.

(Continua)

BRASILIANA

VII

MÃE

De um artigo de Manoel Victor na *Folha da Noite* de S. Paulo, n. de 28-9-28:

"A qualidade de ser mãe não exige distinção de raça, de classe ou de côr".

GOVERNISMO CEGO

Noticia do *Minas Geraes* de Bello Horizonte, n. de 8-9-28:

"Realizou-se no Instituto de Cegos São Raphael, de modo singelo e significativo, um momento civico em commemoração á gloriosa data da independencia.

Na sala de palestra, com a presença dos funcionarios do Instituto, iniciou-se a cerimonia com o Hymno Nacional, cantado pelos alumnos e acompanhado ao piano pelos professores João Freire de Castro e José Ferreira de Oliveira.

Para melhor conhecimento dos ceguinhos alli reunidos, o director do Instituto leu no "Minas Geraes" o movimento patriótico de Bello Horizonte em commemoração á gloriosa data.

Depois de terminar a leitura na parte referente á resenha administrativa do 1.º e 2.º annos do actual governo do Estado, os ceguinhos, alegres e satisfeitos, proromperam em vivas ao governo.

Ao encerrar o momento civico, foi cantado o Hymno á Republica".

PROGRESSO

De uma correspondencia para *O Guarará* (Minas Geraes), n. de 1-7-28:

"Acaba de fazer aquisição de uma excellente victrola orthophonica, o nosso distincto amigo cel. Bertholdo Garcia Machado.

Graças á divina inspiração deste amigo, e ao espirito elevado e culto de Bianco Filho, representante da Empreza Orthophonica, o Maripá collocase á vanguarda do progresso com a chegada da victrola, portadora das produções musicas dos mais afamados maestros.

Muito gratos, somos ao cel. Bertholdo Machado, pelos agradaveis momentos que nos tem proporcionado com a sua excellente Orthophonica."

ABDICAÇÃO

Telegrama de Curitiba para a *Folha da Noite* de São Paulo, n. de 7-7-28:

"A senhorita Rosinha Pinheiro Lima acaba de dirigir um officio aos directores da Federação de Academicos do Paraná, renunciando o lugar de "Rainha dos Estudantes Paranaenses" que desempenhou durante dois annos.

Tem sido muito commentado, nas rodas esportivas e sociaes, essa determinação da senhorita Pinheiro Lima."

BALCÃO

LIVROS A' VENDA:

Na *LIVRARIA UNIVERSAL* (r. 15 de novembro n. 19 — S. Paulo):

— S. Leopoldo — *Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul* — 2.ª ed.

— Monteiro Baena — *Compendio* — Pará.

Na *LIVRARIA GAZEAU* (praça da Sé n. 40 — S. Paulo):

— *Archivo Pittoresco* — 11 vs. enc.

— *Panorama* — 17 vs. enc.

— *Lusiadas* — coment. por Faria e Sousa.

— Vieira — *Sermões* — 16 vs. enc., sendo alguns em 1.ª ed.

— Innocencio F. da Silva — *Diccionario Bibliographico* — 19 vs. enc.

— F. Manoel de Mello — *Epanaphoras de Varia Historia* — 1660.

— Fr. B. Brandão — *Monarquia Lusitana*.

LIVROS PROCURADOS:

Pela *LIVRARIA UNIVERSAL*:

— Roquette Pinto — *Rondonia*.

— Ruy Barbosa — *Replica*.

— Oliveira Lima — *D. João VI no Brasil* — 2 vs.

— *Revista do Instituto Historico Brasileiro* — tomos ns. 20, 21, 22 e 32.

Por YAN DE ALMEIDA PRADO (av. brig. Luis Antonio n. 188 — S. Paulo):

— Manoel Calado — *Valeroso Lucidemo*.

— Duarte de Albuquerque Coelho — *Memoarias Diarias*.

— Alvarenga Peixoto — *Obras* em 1.ª ed.

A assinatura anual

da

REVISTA DE ANTROPOFAGIA

custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal

para

Caixa do Correio n. 1.269

SÃO PAULO